



*REVISTA TRANSGRESSÕES: CIÊNCIAS CRIMINAIS EM
DEBATE, V.5, N.2, MAIO DE 2017*

EDITORIAL

Foi de maneira trágica que este ano começou, com o massacre na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, em que presos de facções rivais digladiaram-se até a morte, sob o olhar débil das autoridades governamentais, que pouco foram capazes de fazer para cessar o derramamento de sangue. Os discursos de ódio que se seguiram aos acontecimentos foram estarrecedores. Vieram de pessoas que regozijavam-se com as brutais violações dos direitos humanos, por sentirem-se moralmente superiores aos que estão sob as condições do cárcere.

É possível perceber no mundo em que vivemos a concretude da ideologia, em sua concepção crítica de mascaramento da realidade. Com a intenção de conservar os próprios privilégios, classes historicamente favorecidas empenham-se em manter seu domínio sobre grupos subalternos, e o fazem de tal maneira, que parece natural.

A grande mídia é retrato disso: apresenta os dissabores da vida política e social brasileira colocando-se como imparcial – quando, na verdade, tem seu conservador comportamento fiel a detentores de poder. Se não nos atentarmos, somos pegos na armadilha de uma suposta neutralidade, sem perceber que todo ponto de vista é parcial. É preciso estar atento e forte, já nos disse Caetano.

No contexto em que estamos imersos, de fortes tensionamentos políticos, a inércia não é uma opção. É atemporal a célebre frase da filósofa Rosa Luxemburgo: se não nos movimentamos não sentimos as correntes que nos aprisionam.

Nesse sentido, enxergamos o papel da academia em produzir reflexões críticas e geradoras de mudança. Para tanto, persistimos na luta por uma sociedade mais justa e equânime, pela defesa dos direitos humanos e a efetivação da democracia.

Assim, agradecemos a todas as pessoas que colaboram conosco nessa laboriosa, porém gratificante tarefa.

Com os mais dedicados préstimos,

Corpo Editorial